

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

JANEIRO DE 1879

NUMERO 5

DA POESIA MODERNA EM PORTUGAL

CONSIDERAÇÕES

A PROPOSITO D'UM LIVRO E D'UM POETA (1)

O norte de Portugal — a colmeia opulentissima, que brindou, generosa, a Poesia portugueza com os nomes de Garrett, Soares de Passos, Alexandre Braga, Guilherme Braga, Alexandre da Conceição, Custodio Duarte, Manoel Duarte d'Almeida, Pedro de Lima, Guerra Junqueiro e tantos outros — o norte de Portugal, dizemos, como que extenuado na uberrima producção de opulentissimos espiritos, apresenta, nos ultimos annos decorridos, evidentes symptomas de esterilidade. Nas paginas das Revistas litterarias e nas proprias columnas do jornalismo diario surgem, a espaços, um e outro nome de neophytos, — nomes tão depressa soletrados, como esquecidos. Estes os mais felizes. Outros por ahi vão — perpetuamente *renascentes* do lodaçal, onde os atirou o rizo franco dos espiritos honrados, — apascentando no escarneo publico o indecorozo mister de Gavroches litterarios; e não ha braço coridozo, de noticiarista amigo, assaz forte para baldeal-os da ignominia para a seriedade.

No meio da sáfara producção de espiritos de lei e sobranceira á invasão dos gafanhotos *renascentes* no arraial das nossas letras, affirma-se uma vigorosa e brilhante vocação, — d'estas vocações irrezistiveis, perpetuamente progressivas, que nos reconciliam, a espaços, com o Existente, e que rasgam a nossos olhos o véo lançado sobre a Arte immaculada e pura n'uma hora de desconsolo e de fadiga.

Alludimos a Narcizo de Lacerda.

*
* * *

Escreviamos, recentemente:

«No abysmo das coisas grutescas occulta-se á nossa recordação o nome de um distincto pedante, que ha pouco ameaçava com os raios da sua inepcia a *poesia lyrica* e insultava os Chénier, os Lamartine e os João de Deus, com desplante igual áquelle com que um indigena, fascinado pelos vidrilhos coloridos de um negociante de escravatura, escarnereria, transportado para a Europa, as conquistas da civilisação.

A critica de *reconstituição* (vidé Clement de Ris), fundada por Gustavo Planche, em pleno fanatismo

(1) Este artigo constitue um Prefacio destinado ao livro *Canticos da Aurora* — de Narcizo de Lacerda — em via de publicação. A sympatica individualidade do auctor é já conhecida pelos leitores da *Revista*. Seja-o o nosso parecer.

romantico, abriu na sua obra destruidora — e, implicitamente, creadora — um largo parenthesis de veneração. Se é certo que o Jupiter do Romantismo, Victor Hugo, sentiu arruir estrondosamente — o ruido chegou até nós — o seu pedestal, firmado na ovação irreflectida dos Vacqueries e outros fanaticos do desvaireado movimento, se sentiu arruir, dizemos, esse pedestal ao impulso vigoroso do martyr da Critica moderna (Planche), o immaculado renome de Lamartine chegou até nós, livre, a um tempo, da profanação dos falsos enthusiasmos e das fundadas aggressões.

Vae largo o periodo de apódos inconscientes e não iria mal aos obreiros marcar de vez os limites do terreno onde se agitam: condemnar Proudhon e a poesia social, que a espaços n'elle se inspira, em nome do *lyrismo*, é tão illogico e tão falso como aggreddir o *lyrismo* em nome do Socialismo, ou das sciencias exactas. O culto de Proudhon não fará de um bom lyrico um supportavel poeta social e poderá bem perdello. O contrario póde dar-se, tem-se dado: o homem das *Odes modernas* escreveu a *Beatrice*; o homem da *Morte de D. João* introduziu n'este monumento perolas de um lyrico adoravel. Victor Hugo, poeta épico, (2) revela por vezes *intencões* lyricas — mas o sceptro da poesia franceza passa das mãos do lyrico Chénier para as mãos do lyrico Lamartine.

Que admiraveis pontos de contacto não revelam entre Lamartine e João de Deus as palavras ha quarenta annos formuladas por Gustavo Planche sobre o auctor das *Harmonias* e das *Meditações*! E' vêr o como o austero critico legalisou perante a Posteridade a gloria do grande poeta e formulou, ao mesmo passo, o ensinamento para os lyricos modernos, porventura seduzidos pela *imagem* austera da poesia *utilitaria*:

«M. de Lamartine não tentou voluntariamente varredas novas e inesperadas: foi original a seu modo, entregou-se ao espontaneo impulso do seu pensamento; sem prevêr o ponto onde iria dar. O poeta não arranjara para seu uso um systema completo e inviolavel; *ouvira-se viver* e reproduzia francamente as suas commoções: não dividira o seu pensamento em compartimentos symetricos: não classificara de antemão as suas inspirações futuras; não instituiria colonias militares para o governo das suas ideias. Consultara sempre o seu coração e não pensara nunca em lutar com os poetas do *raciocínio*: tal o segredo da sua legitima e nobre popularidade.»

(2) «A poesia lyrica, tal como a concebe M. Victor Hugo, tal como a tem realisado, occupa-se da imagem, de preferencia á ideia; da palavra, de preferencia ao homem; da rima, de preferencia ao sentimento.» (*Rev. des Deux Mondes* 1854. G. P.)

O nome de Narcizo de Lacerda revelou-se-nos recentemente, firmando em diversas folhas periodicas — mais ou menos dignas da sua collaboração — algumas composições lyricas, de um lyrismo subjectivo, por vezes d'uma independencia de forma que Boileau e o velho Horacio fulminariam com horror, — mas sempre dotadas d'uma fina esthesia, d'um sentimento profundamente humano e d'uma seiva generosa e ardente. Creara-se então, entre nós, a *Revista de Arte e de Critica* e a uma honrosa confiança mereceramos a sua direcção litteraria. Pedimos ao moço poeta a sua collaboração. Narcizo de Lacerda accedeu ao nosso empenho, com um sentimento que diriamos de gratidão — bem deslocado n'um meio d'onde avistamos a cada hora os idiotas productores creando inchaços de vaidade, assoçados — os inchaços e os dónos — pelos idiotas da critica.

Nos últimos mezes decorridos o talento do poeta percorreu, em viagem de recreio, hoje convertida em ensinamento, diversas regiões exploradas. Na poesia *Canaan* affirmam-se as impressões vigorosas colhidas em G. Junqueiro; nos sonetos subordinados ao titulo colectivo *Epopêa da Humanidade* ha os vestigios, poderosamente accentuados, das esplendidas *Odes*, de Anthero de Qental. O poeta, com uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro, conscientemente, a dupla miragem do seu espirito: o labor *dependente*, subordinado a alheio exemplo — e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado, da inspiração genial.

Canticos da Aurora é o titulo do seu livro. Canticos ferventes de uma aurora de esperanças, oxalá bem livre de indecizões. . . Indecizões, porque? Reproduzimos ha pouco as nossas palavras de hontem; poderíamos demonstrar-lhe, pela exemplificação, o baquear doloroso dos sectarios da Moralidade na poesia, dos pedantes que confundem e atropellam a lei moral e a lei poetica nos seus respectivos desenvolvimentos: mas, não lhe diz, mais do que poderíamos dizer-lhe, a sua inferioridade no terreno dependente, subordinado, — ao confrontar esse trabalho de assimilação e o livre, espontaneo e valente fructo do seu espirito? As suas digressões aventurezas no terreno da poesia social accentuam de um modo vigoroso a incontestavel superioridade do seu *lyrismo*. Quando a preocupação scientifica (?) se apodera dos espiritos d'uma geração d'infantes, — que o Amor e Deus e a Natureza bem mereçam d'um espirito nobre, alevantado e valente, e que o triplice poema, immutavel e eterno, avoque para o protesto mais uma intelligencia de luz, que nós amamos.

SILVA PINTO.

ABSTRACÇÃO

Espirito, o que és tu, submerso n'esta argilla,
Que treme de pavor, que ao menor sopro oscilla,
Como d'um fragil vime o dobradiço hastil?
Que és tu n'esta prisão, ignobil, que te encerra,
E cuja sombra opaca, apenas, sobre a terra,
Esboça o seu perfil?

Que és tu n'esta marmorra, em cujo muro escreves,
Em caracteres de luz, uns enigmas breves,
Que só decifrará, como Edipo, o Porvir?
Como o cantor, transpões as puras cumiadas,
Para pedir ao sol mais novas alvoradas,
Mas nunca as vês surgir. . .

Assimilhas-te a um facho, esquecido n'um tumulo,
Ardes até o fim, embora chegue ao cumulo,
No reflexo voraz, a social maré;
Partes a gargalheira ao vacillante escravo,
E limpas-lhe da fronte esse affrontoso aggravo
Com a esponja da fé.

És tu que ergues na arêna o gladiador prostrado;
Que subjugas a dôr, que no olhar embaciado
Pões a electrica flamma e no labio o tufão;
E fazes desabar do seu throno d'ossadas
O despota cruel, que dóma, ás chicotadas,
O povo, esse leão.

Tu ergues-te no espaço, igual á aguia altiva,
Que espedaçando a jaula, em que a tinham captiva,
Com aza audaciosa invade o azul do céu;
E, enquanto vae rasgando insondaveis espaços,
Deixa na podridão uns miserios pedaços:
Ração que lhe cresceu.

E tu vaes, como ella, abrindo a immensidade;
Fendendo as regiões da eterna claridade,
Deixando no teu rasto offuscados os sóes;
Procuras devassar as causas e o effeito;
Da impenetravel noite, ao congelado leito
Arrancas os lanções.

E, banhando-a de luz, transforma-l'a em aurora,
Dás-lhe no olympo um throno, incensal-o a cada hora;
Por um triumpho vil, que não vale uma dôr,
Impotente ambição em que nada te assusta,
Tu julgas ter direito á ovação augusta
Do heroico vencedor.

Potente emmanação d'um mysterio insondavel,
De onde, espirito, vens? . . . Sphynges indecifravel,
Que ninguem vê nem ouve e que, no tremedal
Da vida, a que baixaste, avanças, sem vertigem?
Qual é o teu destino? aonde a tua origem?
Vaes ao Bem? Vens do Mal?

Oh! dize-nos se vaes, nos paramos medonhos,
Aquellas regiões onde erguemos, em sonhos,
Com eterna luz, nosso incerto aspirar,
Ou se vaes mergulhar-te em abysmos sombrios
Onde uma noite intensa, aonde eternos frios
Te devem congelar.

Se te fundes alli n'uma immórtal aurora:
Se vaes unir-te á força immensa e creadora
Que a vida imprime ao ser: se, na vasta amplidão,
Onde gravita o astro e galopa o cometa:
Ou se vaes partilhar d'algum morto planeta
A eterna escuridão?

PEDRO DE LIMA.

RUINAS

Minha, sim! mas um momento.
— Passaste, visão dourada,
Como as aguas na levada
E nos espaços o vento.

Passaste, como uma luz
Ao longo da escura nave;
Como o gorgoejo d'uma ave
Que nos encanta e seduz;

Como o ultimo sorriso
Nos labios do moribundo;
Como no inferno do mundo
Um' hora de paraizo.

E fui eu que tal magia
Desfiz no pranto que choras!
— Pranto onde nadam auroras,
Auroras que não tem dia.

Fui eu a mancha brutal
Que, no seu lobrego amplexo,
Suffocou todo o reflexo
Da pureza — esse crystal!

Fui o vendaval medonho
Foste a urna espedaçada;
Eras o abrir da alvorada,
Eu fui o fecho d'um sonho.

Fui o sceptico, que eleva
O frio olhar para a cruz:
— As almas feitas de treva
Ignoram que coisa é luz.

Jurei eu, quando á tua frente
Roubava o sacro diadema,
Dar-te amor — esse horizonte;
Dei-te a deshonra — um problema.

Mais tarde, no mar da vida,
Lancei minh'alma á procella;
— Barca sem rumo e sem véla,
Nas ondas busquei guarida.

Era como um pequenino
Perdido n'um labyrintho;
Enchi de fel e d'absyntho
A taça do meu destino.

Quiz, com as furias do Mal
Partir da dôr os escolhos.
P'ra dois remorsos — teus olhos,
O esquecimento — um punhal.

Em vão! A sombra d'um crime
Que a nossa idéa não mede,
Quando ás lagrimas não cede,
O olvido não a redime.

Ai! se eu pudera salvar-te!
Mas como; se nem eu sei
Como do abysmo de amar-te
Eu proprio me salvarei?!

O remorso é fundo arcano,
A saudade... inexaurível!
Se a esquecesses?—engano!
Se eu me esquecesse?—impossível!

Mas fique! fique o martyrio
Vibrando d'alma o psalterio;
Fique ao menos esse lyrio
No chão d'este cemiterio!

E se esse olhar, que foi meu
Se esse sol, que a offensa encobre,
Pode ainda dar-se ao pobre
Como uma esmola do céo...

Apaguei-te um astro — o amor,
Accende um outro — o perdão!
Sê tu a voz do Senhor,
Remindo o proprio ladrão!

Depois... ó ventos da serra!
Vós, que lhe enxugaes as aguas,
Trazei-me um palmo de terra
Onde eu sepulte estas maguas:

Onde os meus desejos frios
Durmam seu ultimo somno,
N'aquelle dôce abandono
Dos miseros cães vadios.

NARCIZO DE LACERDA.

MOVIMENTO RELIGIOSO

III

O homem, nas primeiras edades, era guiado mais pelo instincto que pela intelligencia.

Os selvagens offerecem ainda o typo do immobilismo; o da perfectibilidade só é dado pelo pensamento reflectido.

A vida racional parece para elles interdicta; o instincto impera no homem sem cultura: «a sensação faz toda a sua sciencia; a rotina, a sua arte; o goso, a sua moralidade; a força, o seu direito; a materia, o seu Deus.»

A lei fatal da evolução, no decorrer demorado dos seculos, foi aperfeiçoando a estrutura do homem; e como ha uma relação intima entre a intelligencia e o systema nervoso cerebral, como sustentam os proprios methaphysicos, a lucidez e a hyperesthesia foram apparecendo lentamente, reagindo contra o torpor do cerebro e dando o homem a consciencia de si mesmo.

Ha selvagens que em nada differem do animal inferior, e os Boschimanos, do coração da Africa; não

são superiores, segundo a opinião dos povos do sul da mesma região, aos macacos da infima especie: gostam de ver soffrer, torturam os animaes, praticam delictos revoltantes, sugeridos pela requintada perversidade, gosam com a matança, e só realisam o direito da força, que é o direito dos brutos.

Se não receiassemos desviar-nos pela prolixidade, do assumpto principal, tínhamos occasião azada para tractarmos d'um estudo subordinado á epigraph: *O homem e as castas*, que mais tarde faremos.

Foi a necessidade que obrigou o homem a refugiar-se na cavidade dos velhas arvores ou sob a cupula enramalhada e espessa d'ellas, a comer raizes e fructos. Foi depois a curiosidade, juncta á necessidade, que o levou ao coração das cavernas, ao centro dos bosques, ás margens dos rios e ás praias: como as cavernas e bosques serviam de abrigo e repasto ás bestas, o homem teve de lutar com os terriveis inimigos d'elle. Desenvolveu então a força muscular, e applicou-a, auxiliado pelo seu ardil, afim de se defender das feras, que se revoltam instinctivamente contra os beneficios concedidos pela natureza áquelle que em outras eras fez familia com ellas. Depois o instincto da habilidade (que alguns animaes possuem, mas em grau inferior, podendo-se citar o castor, como affirmativa) ensinou-lhe o uso do fogo, a preparação dos alimentos, a fabricação dos instrumentos os mais simples. A ideia do aperfeiçoamento veio depois auxiliar o seu trabalho: á maça tosca da madeira succedeu-se o machadinho de sílex ou pedra, e a este o de bronze, e mais tarde o de ferro. O martello não é mais que o ampliamto e reforçamento do punho, a tenaz o ampliamto e reforçamento das unhas e dedos, a pá o ampliamto e reforçamento da palma da mão.

O homem servia-se do braço como alavanca para os seus trabalhos manuaes; o braço é verdadeiramente uma alavanca; mas o pezo d'um objecto que queria remover não cedia muitas vezes á sua força muscular, e viu-se obrigado então a lançar mão, por ex., d'um ramo forte d'uma arvore para auxilio seu: do bom resultado do instrumento tosco nasceu a mechanica, cujo fundamento é a alavanca.

(Continúa).

SOUZA MOREIRA.

SONETO

Ostentai, protegidos da ventura,
As nobres equipagens da riqueza;
Calcai os desgraçados... É nobreza
Ter aos pés humilhada a desventura!

O artista, desprezível creatura,
Rasteja nos alcouces da pobreza;
Tende vós fôfa cama, farta meza,
Recostai-vos nos braços da fartura;

Inventai em a vossa phantazia,
Nos dedalos rizonhos da opulencia,
Devancios de gozo e de alegria;

Adormecei no leito da indolencia...
— Depois da noite escura vem o dia
E vem apóz o crime a consciencia.

ERNESTO PIRES.

OS RIDICULOS

Aquí tosquam-se camélos

...

Coisa d'Araujo, em extremo irritado (imagine-se a irritação d'uma alforreca) attribue o silencio da quasi totalidade da imprensa lisbonense, sobre a *Revista*, á influencia funesta d'elle, coiza.

Ora, a verdade é— que o alforreca *renascente*, muito capaz de intrigar na sombra, como o mais vil e venenoso covarde, que é, não influíu no caso e a razão é simples: — É que na *Revista* apparece um nome que tem, de ha muito, o privilegio de reduzir ao silencio uma determinada imprensa.

Appareceu o nome: calou-se a imprensa. *Coisa d'Araujo* não tem que vêr no rizonho assumpto.

E, de resto, que o *coiza* e todos os da suja tribu jurem vingança feroz. Se a *petizada* insistir, alguns livreiros do Porto darão o seu depoimento sobre as virtudes da alforreca supra...

É pedir por bocca, meninos!

Á ultima hora, um litterato coimbrão, — o sr. José d'Alpoim—assevera, em folhetim do *Diario da Manhã*, que os artigos do joven Sérgio, o *torpilota*, são «contundentes como facadas.»

Amanhã dará coices perforantes!

Zut, zotes!

O encarregado dos ridiculos,

RAPHAEL.

LEVIATHAN!

Pauvre diable! quelle pitouso figure on te fait faire!

Pendant des siècles tu oses te hasarder sur la terre; t'installer dans le corps des gens, faire des miracles, lutter avec Dieu. Puis, tout d'un coup, tu t'en fuis honteusement devant l'institution de la police et de la gendarmerie. Et tu n'est plus qu'une figure de rhétorique à l'usage de Veuillot et de Dupanloup!

Jacollot (La Bible dans l'Inde).

Ó mythico phantasma! Ó lugubre guerreiro
Satan ou Beelzebub, que foste o rico herdeiro
das furnas de Plutão, dos antros colossaes,
dos passos do Summano, ardentes, infernaes;
onde Dante desceu guiado por Virgilio,
(é só para comedia um tão gigante idyllo!)

Ó misero Duende! eu sei que o teu reinado
passára para sempre, e qu'hoje estás, coitado!
deposto, escarnecido... um pobre parasita!
Ó Lucifer cahido! eu sou d'essa desdita
o triste cortesão. O teu aspecto agora
não tem um leve traço, ao menos, do que fôra.
Eras gentil, ousado, alegre, aventureiro,
agora estás caduco... e chamam-te sendeiro!
Em vão latim de ferro alenta em velha esparça
o teu alto poder; tudo parece farça!
Riem do teu vestir, apagam-te a fogueira...
Ai, pobre Satanaz! sou a derradeira
hora do teu viver! Ao triste cenotaphio
que o seculo te abriu, lerás este epitaphio:
«Aqui jaz do Diabo a cinza tão fallada.
«Amigo! passa avante!

Aquillo não foi nada.»

Eu tenho dó de ti, morto phantasma,
qu'hoje a ninguem consegues assustar;
estás rôto, de ti já ninguem pasma
nem com figas alguem te ousa afastar.

Estás velho, infeliz, e por desgraça
até de frio tremes, imbecil!
Não ha quem tema a tua antiga traça.
Ai pobre bóde! já não tens redil!

Agora, quando a luz, em ondas argentinas
penetra na vidraça antiga e serpeada
das velhas cathed'raes,
não tens visões que dar, nem sombras peregrinas
pódem, de longa véste, em fila compassada
passear pelas crastas monacaes.

Póde o mocho piar por horas da noitada,
póde de um cemiterio escurentar-se a luz;
não ha já quem se lembre, ó pobre alma-penáda
do caduco sayão das hostes de Jesus.
Cahiram-te de todo os chifres teus, medonhos,
foi longo o devaneio; agora pódes ir,
longe do mundo vivo, adulto e já sem sonhos
aos pés do extincto monge o somno teu dormir.

O velho Klopstock abriu na tua lenda
a pagina mais bella! A tua voz já rouca
cobrou então vigôr!
No Milton foste heroe, brigaste na contenda
do carcomido Adão; e a tua negra bocca
soltou discursos de ultimo primôr.

O Goethe fez-te mais: vestiu-te de Diabo,
Diabo-castellão; pelôte golpeado,
casquilho, espadachim.
Trajou-te de fidalgo e dispensando o rábo,
faz com que, tu guiando um bóte aprimorado,
ao misero doutor succumba Valentim.

Tu foste destemido! E bravo que tu eras!
Que pêtas! que ameaça aquella qu'ao Tinorio
fifeste em certo amor,
quando o bravo donzel, com phrases bem sinceras
te disse «anda ceiar!» (É caso bem notorio
o medo que apanhou o tal senhor.)

Tu eras donzelinha a atormentar S. Bento,
tu eras nuvem densa, inquieta, perfumada
a tentar de Ezzilino a pobre mãe.
Qu'ê feito hoje de ti? Idiota, pachorrento
adorméces, casmurro, ao longo de uma estrada
pedindo a S. Miguel o teu vintem.

De mais a mais és pobre, ó velha Sombra!
se assim não fosses, como eu desejára
a minh'alma cançada te offertar!
Fariamos contracto sobre a alfombra,
e ali, ao pé de ti, como eu jurára
nunca o teu negro imperio abandonar!

Tu então me abririas o thesouro
do teu antigo Inferno, amontoado
pelo Pluto pagão.
Que tranças negras! Que cabellos d'ouro!
Que olhar profundo, inquieto, incendiado
aos meus olhos darias em visão!

O' quantas harmonias
então me inspirarias!
Que temas poesias
qu'havia de cantar!
Cantar por noite bella
debaixo da janella
da minha meiga Estella
banhando-me o luar!

Que longas serenatas!
que esplendidas cantatas,
que languidas volatas,
que muzicas sem fim!
Que tróvas tão sentidas,
que lagrimas vertidas
seriam traduzidas
No triste bandolim!

Como eu sendo teu pagem
iría, ó dôce imagem!
com mystica linguagem
turbar os teus saraus!
Como esta lyra insãna,
perdida, vil, mundana,
á lubrica ventana
contára mil solaus!

«—Quem sou? Não tenho nome!
O amor que me consome
é como a eterna fôme
das cavas infernaes.
«Tu pódes n'um sorriso,
mostrar-me o paraizo...»
(mas tu eras capaz de me dizer: — Juizo!

não faças tanta bulha...)
E eu não cantar mais.

Mas, cansado, bisonho, entorpecido
que podes hoje dar!
Que canto ensinarias ao descrido,
ó bobo secular?

Em vão eu te pedira as mil cantatas
da guitarra infernal de D. João;
tu só dominas miserias beatas
que gemem o seu terço em canto-chão.

Aquelle olhar escuro e tão profundo
por quem eu dera est' alma inteira a ti
não teme teus ardis, passa no mundo
e das tuas vizagens folga e ri.

Assim, pobre, Lusbel, dou-te um conselho:
que te vistas ao tempo, e assim verás,
que póde qualquer vulto, embora velho,
pintado e repintado ser rapaz.

E, quando, por alguma sachristia
ou em gordo sermão,
disserem que conspiras noite e dia
contra o mundo christão;
Qu'és daminho, qual nuvem pestilenta;
que tens na face horrífico labeu;
que foges a uma pinga d'agua-benta
diz-lhes:—«É falso. O Lucifer morreu.»

JOSÉ CALDAS.

BIBLIOGRAPHIA

ATALA, ORIGINAL DO VISCONDE DE CHATEAUBRIAND,
TRADUÇÃO DE GUILHERME BRAGA. PORTO, 1878.

Recebemos o 1.º fasciculo d'esta importante publicação, editada pela EMPREZA DAS OBRAS CLASSICAS E ILLUSTRADAS.

O traductor, esse desventurado moço, dotado de uma intelligencia robusta e d'um coração bem formado, cahiu, ha poucos annos, no abysmo da sepultura, mas a sua memoria sobrevive ainda.

Guilherme Braga, o poeta das *Heras e Violetas*, do *Bispo*, dos *Falsos Apostolos* e dos *Eccos de Aljubarrota*, deixou, após a sua passagem na terra, um disco luminoso de gloria que a mão do tempo jámais poderá extinguir. Talentos, como o do malogrado poeta, vêm ao mundo de seculos a seculos, para honra da terra onde nascem e para maior esplendor da humanidade.

Esta nova edição é prefaciada pelo nosso estimadissimo collaborador, o distincto poeta Pedro de Lima, que foi amigo sincero de Guilherme Braga e que é cavalheiro dotado das mais nobres qualidades.

Acompanha o presente fasciculo um retrato do traductor, gravado pelo habil e conhecido artista Molininho e uma estampa, desenho de Gustavo Doré e gravura de João Pedroso.

A impressão é nitida e luxuosa.

Agradecemos ao snr. Castanheira, incansavel gerente da *Empreza de obras classicas*, o attencioso offerecimento, com que nos distinguui.

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, PARA UZO DOS PORTUGUEZES, POR ANTONIO VIEIRA LOPES, SEGUNDA EDIÇÃO. PORTO, 1878.

Recebemos este utilissimo livro de ensino, de que todos quantos prezam a formosa lingua de Dante e Petrarcha, devem fazer aquisição. Do valor incontestavel d'esta publicação, é-nos garantia segura,—além do nome respeitado do seu intelligente e laborioso auctor,—o favor que o publico despendeu á primeira edição. N'este trabalho revela-nos o snr. dr. Vieira Lopes os seus profundos conhecimentos da lingua italiana e não desmente em nada a solida reputação que tem sabido conquistar como escriptor. Agradecendo a delicada dedicatória com que nos honrou o illustrado auctor no frontespicio do exemplar que nos offereceu dezejamos que a sua grammatica seja, como merece, recebida lisongeiramente pelo publico.

ERNESTO PIRES.

EXPEDIENTE

«Emilia das Neves está velha: importa que abandone a scena; além de velha, está reformada:»—isto allegam os pequeninos cafres. Victor Hugo está velho para o snr. Alberto Pimentel. É justo. No tocante á reforma: Delfina do Espirito Santo, excellente actriz comica—mais velha do que Emilia das Neves e, como a grande actriz, reformada,—vae representando, em Lisboa, sem que o grunhir da chronica mercenaria lhe conspurque a respeitavel sombra.

Abstenção dos cafres: rebaixamento para a snr.ª Delfina.

Não ha dissabôr que não tentem os infinitesimos contra o vulgo giganteo da scena portugueza. Protestam contra os ordenados d'ella,—sem ouzarem comparal-os,—o que seria comico, se lançassem na conta as gratificações occultas dos seus heroes d'elles; protestam contra a presença d'ella, prezença que foi reclamada; protestam contra a escola antiga, elles, que nem á escola foram, e esquecem que a reforma de Emilia das Neves foi, porventura, base das de alguns apedrejadores da artista.

O ultimo chuveiro de dislates cafu sobre a ultima criação de Emilia (na *Morta-viva*). Chronistasinho, que tem sempre na conspurcada penna os olhos negros da gentil... actriz, que lhe recommendam, cumpriu grato e logico dever insultando o genio de Emilia. Um d'elles commetteu, no papel tolerante, apoz o dislate

insultuoso, a seguinte demonstração deliciosa e providencialmente vingadora:

«B... cuja os olhos provocadores...»

Dissc, e afundou-se no pélogo das asneiras, *provocado* pelos olhos da *cuja*.

Que singular feira, se Emilia das Neves, transformada em negociante, os comprasse e expozesse, a todos!...

Severidade?—seja: mas diga-nos a consciencia honrada dos leitores se tal severidade é, ou não, reclamada pela justiça. Dõe e indigna este mourejar de ridiculos iconoclastas de ultima hora, que nos falam de modernismos e que modernismos prégam, porque a vasta ignorancia nada lhes deixa entrever para além do romancito obscuro, da decadencia. Paraphraseadores dos artistas modernos, julgam-se dispensados de uma simples consulta aos monumentos de hontem. Exemplificando: o que o grande poeta da *Morte de D. João* tem produzido em *verdes podridões* e em *folhas dimantinas*, atiradas a êsmo pelos profanadores inconscientes, revolta o animo mais sereno. Não é o espirito moderno que condemnamos, bem o sabem: é a difamação systematica do eternamento bello, como afirmação de moderna crença. Se a Arte moderna fosse a boneca de cêra, cantada pelos poetastros de botequim, pediriamos a Boileau, de severa memoria, que resurgisse para a missão flagelladora. Antes o fanatismo dos adoradores do sol do que a homenagem ás heroínas do bordel.

O *Diario da Manhã* escreve:

«A illustração que hoje damos, a de Leão XIII, é traduzida do *Ignotus*, do *Figaro*.

«Os seus cabellos, hoje todos brancos, eram *então* grizalhos.»

Opiniões diversas sobre os *seus* cabellos:

- São os cabellos do *Figaro*;
- São os cabellos de Leão XIII;
- São os cabellos do *Ignotus*;
- São os cabellos da illustração.

Opiniões diversas sobre o *então*:

- Na época dos Machabeus;
- No seculo de Perikles;
- Na idade média;
- No tempo dos *araujos*.

Nós não temos parecer.

*
* *

No *Diario Illustrado*, sob a direcção litteraria do nosso velho amigo *Fernandes Costa*, lêmos, em folhetim:

‡A' porta dos ceus um dia
Humildemente batia
Pobre velha esfarrapada,
E quasi toda chagada,

Bateu muito devagar;
E não se cançou d'esp'rar.
Eis que chegou um figurão,
Bate, bate com a mão
E até
Começa a bater com o pé.
Abriu-se a porta afinal,
E logo o tal cidadão
Metter-se lá dentro quiz.
Etc.

Cêrca de uma grossa de versos, da lavra do snr. *visconde de Santa Monica*; e não os melhores os que ahi ficam!

Afinal, não vale a pena ser *Fernandes*, o *crú*, para tolerar que a musa, *quasi toda chagada*, do snr. visconde, e este figurão, ainda por cima, batam—ella *devagarinho* e elle *com o pé*—no senso-commum e na seriedade publica, profanando impudicamente as innocentes musas.

Sim: porque, afinal,—mais dia, menos dia—teremos por ahi *a dar com o pé* nas manas supra a dymnastia dos *Araujs*.

E, além d'isso, é degradante para a severidade de *Fernandes* e para os creditos da *illustrada* critica.

*
* *

Do *illustrado* em questão:

«Foi, como previramos, uma festa brilhante e beneficio da actriz *Thomazia Vellozo* do theatro do Principe Real. O palco converteu-se em jardim, perfumado e viçoso, e ao calor de uma enthusiastica ovação, como raras vezes se vê nos nossos theatros, e que o publico só dispensa aos seus celeitos; foi saudada a gentil e graciosa actriz.

«Nas rosas que lhe caiam aos pés, nós bravos delirantes que lhe vibraram aos ouvidos, deve *Thomazia Vellozo* decifrar, não só o elevado apreço em que é tido o seu esplendido talento, mas tambem a obrigação que lhe assiste de estudar, e corresponder assim ás esperanças gloriosas do seu advento artistico.»

Estamos vendo—d'aqui, do Porto,—o rizo da joven *Thomazia*, em frente d'aquella proza. Sim, austeros criticos, dignos adoradores do... talento: *ella entende-vos*—e nós tambem.

Ao registrar o decimo-primeiro anniversario do seu viver, uma ingenua gazeta, d'esta cidade, chama ao cazo um novo *marco millenario*.

Dez seculos por anno—é o caminhar do monstro.
E não tem azas!

Nota:—Chama-se *Primeiro de Janeiro*.

Algumas folhas jornalísticas ameaçam-nos com a tradução de *Othello*, de Shakespeare, pelo sr. D. Luiz I. O *Gaulois*, folha parizienese,— que sabe de coizas portuguezas como qualquer dos seus collegas de Paris,— felicita o régio traductor e, Deus nos perdôe, felicita as lettras patrias — de Portugal.

Se a nossa modesta apreciação do *primeiro desecato* (versão do *Hamlet*; vid. *Revista Litteraria do Porto*, 1877) teve por êxito obrigar o sr. D. Luiz a estudar as duas linguas profanadas — a de Shakespeare e a de Camões,— congratulâmo'-nos com as lettras supra, e agradecemos o parabem gaulez.

Senão — não.

*
* *

O *Viriato* (de Vizeu) insere as seguintes palavras, em referencia á *Revista de Arte e de Critica* — associando-se, no louvor, aos nossos collegas da *Aurora do Cavado*, da *Voz do Povo*, da *Democracia*, do *Tribuna Popular*, do *Sorvete*, do *Conimbricense*, etc. Muito agradecidos!

Falla o *Viriato*:

«São de reconhecida utilidade para a critica, as publicações d'esta natureza, quando dirigidas por litteratos da tempera do sr. Silva Pinto, que nos parece ser o director litterario da nova *Revista*. E, porém, infelizmente verdade, que não teem tido longa vida estas publicações. Em Portugal não se pôde fazer critica, ninguem a recebe. Uma critica conscienciosa, justa, severa, passa nos espiritos da nossa litteratura como um vendaval, que arruindo habitações, arrancando arvores, destruindo as cearas, leva nas suas azas devastadoras as imprecações das victimas.

«A nossa litteratura está costumada a uma critica mansa, pacata, uma critica de chinellos e *robe de chambre*.

«De modo que toda a gente faz critica. E quem se não julgar apto para, a proposito de tudo, dizer: «muito bem! reconhece-se alli uma alma de poeta! que sentimento! que traços de mestre?!...»

«O mesmo na arte.

«Ainda ha pouco tempo, quem escreve estas linhas viu em Lisboa a Ristori. É uma mulher que devia ter sido formosa, tem a forma athletica das estatuas gregas, conhece-se que n'aquelle cerebro habita o genio dos grandes tragicos, advinha-se quantas lagrimas essa mulher, do alto da sua gloria, faria derramar aos seus admiradores, ha 20 annos: mas hoje Ristori não tem nos seus olhos o fogo com que fascinava as platéias, a sua voz está cançada, o seu gesto demorado, o seu andar pesado, a artista da tragedia — d'essa composição extincta — transformou-se em reliquia; e, contudo, ouvimos e lemos os maiores elogios a Ristori, como se ella fulgurasse ainda em toda a pujança de sua vida artistica, como se a correccção das suas phrases correspondesse á correccção das suas linhas, no tempo da sua mocidade, como se alli não houvesse um astro,

que, depois de brilhar esplendidamente no seu zenith, descesse, na orbita do tempo, ao seu nadir.

«Era, porém, facil dizer á Ristori: foste uma tragica sublime, mas hoje que se apagou na tua alma, o fogo e o entusiasmo da artista, hoje que os teus labios só de longe em longe deixam ouvir as notas que traduzem sentimentos como o odio, como o amor, como a vingança, hoje, pega nos teus louros que colheste á luz da ribalta e dorme sobre elles, como nós dormimos sobre a tragedia. Mas os criticos da nossa terra — fazemos pouquissimas excepções — acham melhor levantar as correntes do thuribulo e assoprar para tudo e para todos o incenso encomiastico.

«E' por esta doença, que entibia o cerebro dos nossos criticos e faz saborear aos artistas os fructos venenosos da adulação, que as publicações de critica séria morrem á mingua de leitores.

«Oxalá não aconteça á *Revista de Arte e de Critica* o mesmo que a tantas outras. E' o nosso desejo.»

Deve apparecer até ao dia 15 de corrente a *Revista Occidental* (portuense,) — arte e litteratura.

Temos, sobre o novo collega, informações em extremo honrosas.

Seja bemvindo.

*
* *

De passagem, uma annotação:

—O artigo principal — que hoje publica esta *Revista* não tende o *proteger* o poeta portuense que nos honra com a sua collaboração: — é simplesmente um tributo. *Protecção litteraria e apresentação* tambem — dispensa-as o talento vigoroso do poeta. E, sobre *protecções*, que os eunucos de Noticiarios diversos se abstendam de suspeitar, por um momento sequer, que as suas banalidades, prostituidas no portal dos seus ridiculos amigos, seriam novo florão para a corôa litteraria que o poeta portuense está conquistando.

Sem idéa de paradoxo: não vem longe o dia em que os louvores dos eunucos chamarão sobre as cabeças d'estes ultimos um diluvio de policias correccionaes, intentadas por enojados artistas.

Que os eunucos meditem: seria archi-grutesco, por exemplo, vêr o nome de Narcizo de Lacerda rebaixado ao elogio que por ahi mendiga a conspurcada tribu dos *araujos*, e quejandos Ganymedes do soalheiro obsceno.

SILVA PINTO.